Núcleo Temático
RESISTÊNCIAS DEMOCRÁTICAS NA ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA

Creolização, multilinguismo e migrações. O pensamento arquipélago de Édouard Glissant

Leonora Corsini

Leonora Corsini *— Psicóloga, psicoterapeuta e membro integrante do Projeto Ponte Psi. Tem graduação (UERJ) e mestrado (UFRJ) em Psicologia e doutorado em Serviço Social (PPGPS/UFRJ). Além da prática clínica, é docente e pesquisadora, tendo como principais temas de interesse as migrações contemporâneas, identidades, relações interculturais e saúde mental.*

Resumo

O pensamento de Édouard Glissant – um pensamento arquipélico – transforma o modo de compreender identidades, migrações, interculturalidade e linguagens. Glissant questiona a ideia de identidades puras e propõe pensarmos a identidade como rizoma, uma identidade que se forja no encontro com o outro, na Relação. Diante da crescente hostilidade aos migrantes, Glissant propõe uma utopia: que possamos suspender pertencimentos rígidos e compor o Todo-Mundo, uma convivência baseada na diversidade e no reconhecimento do grito do mundo. Para isto, torna-se fundamental a busca por uma linguagem apropriada, o que supõe atravessar fronteiras linguísticas. No lugar de barreiras de toda ordem, é preciso pensar em aberturas, traduções e deslocamentos constantes.

Palavras-chave: Édouard Glissant; Creolização do mundo; Fronteiras linguísticas; Entrada na Relação; Tradução.

Abstract

Édouard Glissant's thinking—an archipelagic thinking—transforms the way we understand identities, migrations, interculturality, and languages. Glissant questions the idea of pure identities and proposes that we think of identity as rhizome, an identity that is forged in the encounter with the other, in the Relationship. Faced with growing hostility towards migrants, Glissant proposes a utopia: that we may suspend

rigid belongings and compose the Whole-World, a coexistence based on diversity and recognition of the cry of the world. To this end, it is essential to search for an appropriate language, which means crossing linguistic borders. Instead of barriers, we need to think about openings, translations, and constant displacements.

Keywords: *Édouard Glissant; Creolization of the world; Linguistic boundaries; Entry into Relationship; Translation.*

Deslenguadas. Somos los del español deficiente. We are your linguistic nightmare, your linguistic aberration, your linguistic mestisaje, the subject of your burla. Because we speak with tongues of fire, we are culturally crucified. Racially, culturally and linguistically somos huerfanos – we speak an orphan tongue.
Gloria Anzaldúa, Borderlands/La Frontera

Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura.
Frantz Fanon, Pele negra, máscaras brancas

Em 2004, quando eu dava início à pesquisa e escrita da minha tese, me encontrei com o pensamento de Édouard Glissant em *Poética da Relação* (*Poétique de la Relation. Poétique III*). Naquela época, não havia quase nada da obra de Glissant traduzido para o português, assim que meu primeiro contato com seu pensamento foi através da versão em inglês de *Poétique de la Relation* (a primeira edição em inglês saiu em 1997 pela Universidade de Michigan). Pouco depois, em 2005, foi lançada pela editora da UFJF *Introdução a uma poética da diversidade*. Hoje, mais livros de Glissant vêm sendo traduzidos e lançados no Brasil.

Conceitos propostos por Glissant em *Poética da Relação*, como a creolização do mundo, abertura para a entrada na Relação, o diverso, a multiplicidade, o aqui-lá, a opacidade, os rastros/resíduos da memória, foram uma chave de virada para entender de uma outra forma as problemáticas com as quais eu já me deparava na escrita da minha tese, sobretudo as relacionadas às identidades, hibridações culturais, mestiçagens, racismo e xenofobia, no contexto das migrações na virada do século. Sua

maneira de repensar a identidade como rizoma – em oposição a uma identidade-raiz – remete ao pensamento de Deleuze e Guattari, com quem manteve interlocução.

Começando com a questão da identidade, uma das premissas de Glissant é a de que não se pode pensar em termos de identidades puras, matrizes originais para o pensamento, para a linguagem, para a produção de subjetividade – ou, como ele refere, para uma identidade-raiz. Seu principal argumento é de que o encontro, a entrada na relação com o outro, produz novas identidades a partir da busca de uma linguagem comum.

Hoje, a aceleração das relações e a intensificação das mudanças (mais concentradas nas grandes cidades) continua repercutindo na maneira como o conceito de identidade é apreendido. A variabilidade da relação é evidência de que um princípio ontológico "fixo", estático, não funciona mais; assim, a noção de identidade não pode, definitivamente, continuar atrelada a um sagrado mito da raiz.

Igualmente não funciona quando nos remetemos ao cenário contemporâneo em que os problemas e desafios dos movimentos migratórios e a intensificação dos fluxos de exilados, refugiados, enfim, o deslocamento forçado pelo mundo globalizado, adquiriram novos contornos e ganharam nova dimensão. Vemos ressurgir hoje, como resposta errada aos problemas colocados pelas migrações e deslocamentos forçados, a afirmação de soberanias, nacionalismos, identitarismos, e o desejo de fortificação de fronteiras.

Pensamento arquipélago — uma utopia

Que conceitos de Glissant continuam dialogando com a problemática das migrações hoje? Uma primeira pista estaria no movimento de ir em busca de espaços de relação que sejam como arquipélagos, em contraste com os continentes que nos oprimem. Tendo as Antilhas como ponto de partida, Glissant destaca o quanto as formações arquipélicas possuem a propriedade

de difratar, produzindo diversidade e expansividade, admitindo as incontáveis possibilidades e particularidades do real.

> "Estar em harmonia com o mundo por meio dos arquipélagos significa habitar essa difração e, ao mesmo tempo, unir litorais e aproximar horizontes. [Arquipélagos] abrem caminho para um mar de errâncias: para a ambiguidade, a fragilidade, e a deriva." (Glissant & Obrist, 2023, p. 22)

Em contrapartida, se consideramos o instável cenário mundial dos fluxos migratórios hoje – aí incluindo os solicitantes de refúgio, apátridas, deslocados forçados – podemos ver como os continentes vão fechando e militarizando suas fronteiras, criando espaços de detenção, seleção e até mesmo deportação daqueles migrantes considerados indesejáveis. As fronteiras nacionais e continentais são hoje lugares de produção de indesejabilidade, como diz Michel Agier (2022).

Pensamento arquipélago – uma utopia. Desenvolvendo essa ideia, Glissant inventou, em seu romance *Sartorius*, um povo que podia se tornar invisível, os "*batoutos*"[1].

> "Os *batoutos*, são um povo imaginário que não quer existir como povo porque quer ser um exemplo de multiplicidade: [...] são um povo que escolheu ser invisível; você pode se casar com um *batouto* ou uma *batouto* sem saber que ele ou ela são *batoutos*." (Glissant & Obrist, 2023, p. 53)
>
> "Inventei uma trajetória para os batoutos que inclui Alemanha, França, Inglaterra, as Américas, onde eles vão assumindo, tomando para si, o sofrimento alheio, mas sempre se mantendo incógnitos. A identidade desse povo não provém da genealogia, mas da constante troca com o outro." (Glissant & Obrist, 2023, p. 53)

Utopia seria também poder escutar o grito do mundo, tal como descrito no *Tratado do Todo-mundo*:

[1]"Cerca de 500 anos antes da era em que vivemos, surgiram seres humanos numa região da África suficientemente central para ser indeterminada, onde foi fundada uma cidade, Onkolo. Um deles, Oko, decide imediatamente partir para o mundo, não para o possuir, mas para resistir junto com todos. [...] Nós os chamamos de Batoutos, a partir dos relatos que chegaram a nós." (Trecho da contracapa de *Sartorius: le roman des batoutos*, publicado em 1999 pela Gallimard.)

> "Devemos poder escutar juntos o grito do mundo, sabendo também que, ao escutá-lo, percebemos que, doravante, todos o ouvem. Não é sempre que vemos, e é cada vez mais frequente que não nos esforcemos para ver a miséria do mundo – a das florestas de Ruanda e a das ruas de Nova York, a das fábricas clandestinas da Ásia, onde as crianças não crescem [...]. Cada um tem suas razões para buscar essa escuta, e essas maneiras distintas de escutar servem para mudar esse ruído do mundo que todos ao mesmo tempo ouvimos aqui-lá." (Glissant & Obrist, 2023, p. 14-15)

Creolizações

Os antilhanos, os habitantes do Caribe, conheceram de perto esta violência, ou são descendentes daqueles que passaram por ela, e por isto sabem que através destes choques podem surgir novos discursos, novas linguagens, novas formas de vida. Porque esses habitantes descendem, ao mesmo tempo, da África, da Europa, da Índia e da Ásia, suas identidades e culturas devem ser pensadas como modalidades dialógicas e paradoxais que desembocam em uma mestiçagem que não é síntese, mas uma espécie de diferenciação aberta. E isto é o que Glissant denomina *creolização*[2].

Etimologicamente, créole ou crioulo tem a ver com criar, produzir, a partir do encontro. É um termo cunhado no século XVI derivado da grande expansão do poder comercial e marítimo da Europa em direção às colônias nas Américas, na África, na Índia e na Ásia. Marcada pela imprevisibilidade, a creolização é um emaranhamento que produz resultados imprevistos, ao mesmo tempo que preserva os elementos originais que compõem este emaranhamento.

> "[Creolização] não é necessariamente a mestiçagem ou a miscigenação. Glissant dizia que o mundo se crioulíza, não que ele se torna crioulo, mas ele é feito por esses encontros inesperados, com resultados inesperados. [...] Para ele, é através do corpo, através daquilo que se sente, que é possível reencontrar paisagens interiores, imaginários e diálogos. São vozes poéticas,

[2]Cabe ressaltar a distinção que Glissant faz entre creolização e *creolité*, este último um conceito desenvolvido pelos intelectuais caribenhos Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant. Na concepção de Glissant, o que é mais importante é a creolização do mundo.

> vozes que *dizem* o mundo." (Sylvie Glissant apud Mariana Tokárnia, Agência Brasil, 2025)

Assim, ao invés de uma síntese entre elementos da língua do colonizador e as do colonizado, a creolização seria uma produção linguística híbrida e nunca acabada que vai se amplificando e proliferando a partir do encontro de elementos de línguas diversas e heterogêneas entre si.

Por outro lado, a creolização se estende para além da dimensão da linguagem oral. Embora fortemente marcada pela oralidade, uma língua créole tensiona também a escrita, mesmo que a escrita seja na língua do colonizador, como no caso de Glissant, Frantz Fanon, e muitos outros escritores de língua crioula que escrevem em francês.

> "Escrevemos [e também falamos] na presença de todas as línguas do mundo. Nós as compartilhamos sem as conhecer, nós as convidamos para a língua que usamos. A língua não é mais o espelho de nenhum ser. As línguas são nossas paisagens, que em nós se transformam com o passar do dia. [...] O entrelaçamento das línguas, por sua vez, faz-se legível para nós por meio da língua que usamos: nosso uso da língua não pode mais ser monolíngue." (Glissant, 2024, p. 69)

Monolinguismo, multilinguismo e o encontro com migrantes

Se as pessoas não acreditassem na existência de "outras línguas", então – com exceção dos bilíngues de nascimento ou circunstâncias – seríamos todos monolíngues.
Anna Wierzbicka, Understanding Cultures through Their Key Words

Alguns estudos linguísticos apontam que a posição multilíngue se revela privilegiada para a apreensão dos "scripts emocionais" de quem fala, scripts esses que abarcam tanto pensamentos quanto sentimentos, servindo como ponto de referência para a identificação de diversos tipos de emoções (Kempinska, 2014, p. 208). A própria palavra emoção evocaria uma construção plural, na medida em que se compõe não apenas de pensamento e sentimento, mas também das reações do corpo.

Por esta razão, considerando que a língua materna, enquanto depósito dos primeiros afetos, costuma aparecer como o espaço privilegiado da função emocional de uma língua, Kempinska interroga: seria possível permear de emoções uma outra língua? Ela vai concluir que, nos contextos caracteristicamente interculturais das migrações, quando se adiciona ou se justapõe à língua materna uma outra língua, tem-se não apenas uma melhor apreensão dos scripts emocionais entre falantes e ouvintes, mas também a possibilidade de combinações criativas de novas construções linguísticas.

Por outro lado, desde uma perspectiva psicanalítica, sabemos que cada língua que se adiciona a um repertório linguístico existente se faz atravessar por uma intensidade afetiva[3] particular. Isto explicaria porque, em determinadas situações, uma pessoa migrante pode preferir se expressar em uma língua e não em outra; porque passa até a sonhar na nova língua ou deixa de sonhar na antiga; porque tem medo de esquecer sua língua de origem; ou porque tem certas coisas que não se autoriza dizer em sua língua original, por conta da grande intensidade de afetos envolvidos.

É possível observar nos atendimentos clínicos a migrantes e refugiados, diante da pluralidade de transferências e vínculos que se estabelecem e do interjogo entre a "Babel" de línguas diversas, o quanto uma língua é sempre mais do que um instrumento de comunicação. A língua, além de portar uma cultura, porta marcas distintivas de prestígio e desprestígio no imaginário social; e a escolha de uma nova língua também faz emergir questões relacionadas às heranças da colonização (Castanho, 2005; Yu et al., 2018).

[3]Sándor Ferenczi, em Palavras obscenas, analisa as “palavras-tabu”, palavras que remetem a experiências sexuais infantis e capazes de provocar embaraço em público. Segundo o autor, “a palavra obscena encerra um poder particular” que leva o ouvinte a imaginar concretamente os órgãos ou funções sexuais (Ferenczi, 1991, p. 111). Mas, para além das palavras obscenas, Ferenczi considera que as palavras de um modo geral imitam as coisas, assim como os símbolos expressam o corpo, as emoções, o que está sendo dito, em sua realidade material; é justamente nessa materialidade que reside a intensidade afetiva das palavras (Gondar, 2010).

Na prática dos atendimentos clínicos a migrantes realizados pelo Projeto Ponte Psi[4], do qual participo como terapeuta, decidiu-se que a língua empregada nos atendimentos seria sempre o português brasileiro. Contudo, não é proibido falar em outra língua quando as palavras faltam, tampouco é preciso ser fluente; o requisito é apenas conhecer o suficiente para que pessoas que vêm de lugares muito diferentes e que se expressam em idiomas também diversos, possam se escutar e se comunicar.

Assim, a adoção do português do Brasil – que já não é a mesma língua com que fomos colonizados – no dispositivo clínico em grupo, permite uma experiência que eu chamaria, junto com Glissant, de *contracolonial*, na medida em que as relações de dominação e poder decorrentes das colonialidades que nos atravessam podem dar espaço para ouvir e falar em muitas línguas, tornando possível transitar por traumas, dificuldades e mal-entendidos.

Em busca de uma linguagem apropriada

A discussão sobre multilinguismo e a prática do Projeto Ponte me remetem ao ensaio de Jacques Derrida O *monolinguismo do outro* (1997), texto que se originou num colóquio realizado na Universidade do Estado de Lousiana, Estados Unidos, em abril de 1992 e do qual Glissant também participou. A reflexão de Derrida é a de que ele, franco-magrebino falante do francês, que se criou falando francês e que tem o francês como sua "única" língua, seria, a princípio, monolíngue.

> "Não tenho mais que uma língua; mas esta língua não é minha!" (Derrida, 1997, p. 14)

[4]O Projeto Ponte Psi é constituído por um grupo de psicanalistas que presta atendimento psicológico gratuito a pessoas migrantes, refugiadas, apátridas e retornadas, no Brasil e também no exterior. Este trabalho fez parte, ao longo de treze anos, da clínica psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo. Com a pandemia foi preciso "migrar" para a modalidade de atendimento online, alcançando uma população migrante que passou a circular no Brasil entre cidades e estados em busca de trabalho.

Através dessa aporia Derrida convida a refletir que, apesar de nos constituir, subjetiva e psiquicamente, nenhuma língua chega a nos pertencer totalmente, nenhuma língua nos é dada de forma natural, o que mais uma vez tensiona a ideia da primazia da língua materna na determinação de quem somos no mundo. Derrida criou um termo hifenizado – *ex-apropriação* – para se referir a este duplo processo de perda e apropriação.

Uma das epígrafes da edição em espanhol de O *monolinguismo do outro*, um parágrafo extraído de *Le discours antillais* de Glissant, diz assim:

> "A 'falta' não reside no desconhecimento de uma língua (o francês), mas na falta de domínio de uma *linguagem apropriada* (seja crioulo ou francês). A intervenção autoritária e prestigiosa da língua francesa nada mais faz do que fortalecer os processos de falta. Portanto, a reivindicação dessa linguagem apropriada passa por uma revisão crítica da língua francesa." (Glissant, 1997)

Por isso, hoje já não cabe mais pensar em "barreiras linguísticas" quando se trata da relação com migrantes de diferentes culturas. Em lugar de barreiras, fronteiras, precisamos pensar em *aberturas linguísticas*. A própria entrada na Relação, como conceitua Glissant em sua obra, pressupõe aberturas e lugares de passagem.

> "Temos necessidade de fronteiras, não mais para nos deter, mas para exercermos a livre passagem para o outro, para salientar a maravilha do aqui-lá." (Glissant, 2006)

Para concluir

A escolha de uma língua, ou a construção de uma linguagem apropriada, passa por intensidades afetivas, pela transmissão psíquica, pelo corpo e pela tradução – não tradução de um intérprete, mas tradução como condição de existência. Como dizia Stuart Hall, migrantes são pessoas que, por transitarem entre mundos, línguas e realidades distintas, são pessoas traduzidas.

Recentemente, assisti um filme muito interessante – *Dormir de olhos abertos* (2024) – que me fez pensar sobre como é importante podermos criar

aberturas e pontes para nos relacionarmos com o Outro. Dirigido pela alemã Nele Wohlatz, o filme coloca em cena os encontros e desencontros de Kai, uma turista taiwanesa perdida em Recife; um grupo de trabalhadores chineses que tenta sobreviver na cidade; e Xiaoxin, uma imigrante chinesa nascida na Argentina que também passou por lá e deixou registros em cartões postais escritos em espanhol.

Através desses "rastros" deixados por Xiaoxin em uma língua "estrangeira", podemos imaginar muito concretamente o quanto de desentendimento precisamos atravessar quando tentamos nos comunicar. Como diz a diretora do longa *Dormir de olhos abertos*, quando você compartilha a mesma língua, esse desentendimento fica camuflado; mas, quando você precisa trocar de idioma, você se torna mais consciente das dificuldades de se comunicar com os outros. Porque também entre falantes de uma mesma língua, muitas vezes é necessária a tradução.

Referências

AGIER, M. *La peur des autres: Essai sur l'indésirabilité*. Paris: Éditions Rivages, 2022.

AYOUCH, T. *Psicanálise e hibridez*. Gênero, colonialidade, subjetivações. 2ª ed. São Paulo: INM Editora, 2025.

CASTANHO, P. *Entre línguas e afetos: uma investigação psicanalítica da língua em grupos multilíngues*. Dissertação de Mestrado, IPUSP, 2005.

DERRIDA, J. *El monolinguismo del outro o la próteses de origen*. Tradução Horacio Pons. Buenos Aires: Manantial, 2012.

DORMIR DE OLHOS ABERTOS. Direção Nele Wohlatz. Produção: Brasil, Argentina, Alemanha e Taiwan. Distribuição: Vitrine Filmes, 2024.

GLISSANT, É. *Tratado do Todo-Mundo*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2024.

GLISSANT, É. Não há fronteira que não se ultrapasse. *Le Monde Diplomatique*, outubro de 2006.

GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GLISSANT, É. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1997.

GLISSANT, É; OBRIST, H. U. *Conversas do Arquipélago*. Tradução Feiga Fiszon. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2023.

GONDAR, J. *As coisas nas palavras: Ferenczi e a linguagem*. Cadernos de Psicanálise CPRJ, Rio de Janeiro ano 32 n. 23 p. 123-132, 2010.

KEMPINSKA, O. A função emotiva em perspectiva intercultural. *Galaxia*, n. 27, p. 202-213, jun. 2014.

PINO, C. A. A escrita do tremor: La cohée du Lamentin. *Revista Criação & Crítica*, n. 1, p. 56-60, 2008.

YU, C. et al. A clínica com migrantes no Projeto Ponte – a opção pela língua portuguesa e a análise das heranças psíquicas da colonização. *Percurso*, n. 60, p. 97-108, 2018.